

Officina de composição e impressão de MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO R. DE S. MARTINHO Avelro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Homem de C. Christo Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

<p>Numero 438</p>	<p>Assignaturas AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p>	<p>Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	<p>8.º ANNO</p>
-------------------	---	---------------------------------------	--	------------------------

A MENTIRA NACIONAL

Os jornaes do governo estão tecendo corôas de gloria ao ministro da guerra pelos resultados da instrucção litteraria no exercito com o ultimo regulamento das escolas regimentaes, publicado em 22 de setembro de 1906. Isto é, está acontecendo precisamente tudo quanto nós haviamos previsto sobre essa burla, sobre essa nova mentira, mais um elo na velha e eterna mentira nacional.

Ora vejamos.
Em 25 de novembro de 1906, analysando um artigo do *Primeiro de Janeiro*, o órgão dos *peps frescos*, o órgão dos *patuleias*, que se queixa agora da canga que a dictadura lhe faz pesar sobre o cachaço e que então, n'essa epocha em que já brama-va feroz contra a dictadura, abria um parenthesis para elogiar o ministro da guerra, precisamente o agente dos trammas liberticidas de que havia de resultar a actual situação, analysando esse artigo diziamos aqui:

«E' mais do que contestavel o exito da reforma do sr. Vasconcellos Porto. Evidentemente, quatro professores, á primeira vista, sempre fazem mais do que um. Evidentemente. Até aqui era só o padre capellão a ensinar. Agora é o padre capellão com um professor auxiliar, e mais tres sargentos em cada regimento de infantaria. Mas o que é certo, certissimo, é que o problema do ensino regimental continúa da mesma forma insolúvel. O que é certo, certissimo, é que nas condições do nosso exercito os quatro professores pouco mais fazem do que um. O ensino tem de se limitar ao periodo da recruta. Portanto, teria de ser um ensino intensivo, e ministrado por professores habilitados, para dar o resultado necessario.

Ora o que pôde fazer um sargento a ensinar, sóinho, 97 homens em quatro mezes, recebendo esses homens lições só de tres em tres dias, e uma unica de hora e meia em cada um d'esses dias?

Diz o *Primeiro de Janeiro* que de 271 recrutas, que se incorporaram ultimamente n'um dos corpos da guarnição do Porto, só 47 tinham *leves conhecimentos de leitura*. Ora se os taes 47 tinham *sómente leves conhecimentos de leitura* nenhum d'elles, pelo art. 13 do regulamento, se matriculou no curso de habilitação para primeiros cabos. Todos os 271 recrutas se matricularam nos cursos de instrucção elemental. Sendo tres esses cursos, e suppondo numero igual de recrutas em cada batalhão, cada professor do curso elemental ficou com 91 alumnos. Mas, pelo art. 16, quando o numero de alumnos for superior a 30 será o curso desdobrado em turmas. Portanto, se a arithmetica não é uma mystificação tamanha como a reforma de Vasconcellos Porto, um curso de 91 alumnos será desdobrado

em tres turmas, o que equivale a dizer que cada alumno receberá uma lição de tres em tres dias, ou duas por semana, ou vinte e cinco, o maximo, no fim de quatro mezes, descontando dias de hospital, dias de convalescência, dias de licença, etc. No fim de quatro mezes acaba a aula, porque nenhum pantomineiro, havido ou por haver, será capaz de sustentar a possibilidade da aula acabada a recruta, isto é, sobrevivendo os desfalques das remissões ao fim de seis mezes e sobrevivendo as exigencias do serviço.

Muito bem. Temos então vinte e cinco lições, ao todo. Temos a falta absoluta de monitores. Cabos, não ha. Soldados habilitados com o curso de habilitação para primeiros cabos, não ha. Dos taes 271 do *Primeiro de Janeiro*, só 47 sabiam lêr, mas esses mesmos só tinham *leves conhecimentos de leitura*. Portanto, nenhum d'elles estava em condições de ser monitor. Em conclusão: falta absoluta de monitores. Nem monitores cabos, que cabos não ha, nem monitores soldados habilitados, que soldados habilitados não ha, nem monitores alumnos. O pobre sargento sóinho. Mas o pobre sargento nunca ensinou na sua vida. Não conhece o unico methodo capaz que existe em Portugal. E' completamente leigo em materia de pedagogia e não tem pratica de ensino. Mas os alumnos são tudo quanto ha de mais embrutecido.

O que faz um sargento n'essas condições? Que proveito tira elle de *vinte e cinco lições*? De que vale haver quatro professores, se o resultado é o mesmo que era quando havia só um professor?

No numero immediato do *Povo de Aveiro*, em 2 de dezembro de 1906, sob a epigrapha *A Mentira dos Quartéis*, continuavamos, dizendo:

«Como vimos no artigo anterior, dizia o *Primeiro de Janeiro* que dos 271 recrutas que se incorporaram n'um dos corpos da guarnição do Porto só 47 sabiam lêr.

Ora isto não póle ser. O sr. capitão Homem Christo encontrou em infantaria 23, como disse no ultimo artigo *Impressões do Extranjero*, em 198 homens alistados CENTO E OITO que sabiam lêr. Como appareceram n'um dos corpos da guarnição do Porto só 47 em 271?

Ninguém tem estudado a sério estes assumptos no exercito senão o capitão Homem Christo. Póde-se affirmar o facto resolutamente. Pois sempre o capitão Homem Christo tem declarado que o numero dos analfabetos raramente sobe alem de sessenta por cento nos regimentos aquartelados nas capitães de distrito. Em cem não apparecem cinco que saibam lêr, escrever e contar. Lendo bem, escrevendo correctamente e fazendo as quatro operações com desembaraço não se chega mesmo a encontrar um por cento. E' uma miseria. Mas d'ahi até ao analfabetismo puro vae sua differença.

O *Seculo*, de 22 de novembro, referia, na sua secção *Noticias Militares*, que dos 1:021 recrutas, que se matricularam nos cursos de instrucção elemental dos corpos da 5.ª divisão militar, só 76 sabiam lêr. Ora o regimento de infantaria 23 pertence á 5.ª divisão militar. E só n'esse regimento appareceram sabendo lêr 108 recrutas em 198.

Não fica prov da enorme mentira do *Seculo*? Mas mentira pela qual não é responsavel o jornal, note-se. O

Seculo limitou-se a publicar o que das estações militares lhe transmittiram. A responsabilidade pertence aos quartéis, onde a falta de escrúpulos, n'esse assumpto como em quasi todos, chega a ser affrontosa.

Perguntar-se-ha: mas que fim tem em vista os quartéis, n'este caso da instrucção elemental, com mentiras de tal ordem?

E' muito facil a resposta. Tanto o ministro da guerra, como o geral dos officiaes do exercito, tem o mais decidido rancor ao ensino escolar por companhias, já por espirito reaccionario e de rotina, já por se lhes afigurar esse ensino um encargo pesado, uma impertinencia, uma *magadoria*. Portanto, todo o seu interesse, e n'isso põem o seu maior empenho, é exaltar a ultima reforma. Mas a ultima reforma foi gravemente posta em cheque pelo *Mundo*, (1) com argumentos que ficaram irrespondiveis. Para destruir, um pouco, o effeito d'esses argumentos, veio o *Primeiro de Janeiro* com o seu artigo insidiosio. Não bastava. Tornava-se necessaria uma prova de facto. Então vieram as mentiras que já anteriormente se haviam empregado ao tratar-se do ensino escolar por companhias. Quem lêu o *Pro Patria* conhece essas mentiras, a que o sr. Homem Christo respondeu com o seu vigor do costume. Vieram as velhas mentiras. Indecorosamente se registaram como analfabetos homens que já sabem lêr. Ao ensino d'esses homens se vão dedicar os professores, na grande maioria dos quartéis. E no fim, é evidente, a reforma deu *magnificos resultados*. Os recrutas que verdadeiramente eram analfabetos ficaram, ou ficaram todos, analfabetos. Os *mais rudes, os que não foi possível, apesar de todos os esforços, ensinar*. Dirão. *Mas eis aqui, acrescentarão, a maravilha da reforma n'estes que estão ensinados e que também eram analfabetos.*

Não eram tal analfabetos. Já sabiam lêr. Pouco ou muito. Mas que custa dá-los por analfabetos?

D'esta forma ganha a gloria do ministro. O glorioso ministro, que acabou com o analfabetismo no exercito! Ganha o commodismo dos senhores officiaes, que se veem livres, julgam elles, do espectro ameaçador do ensino escolar por companhias. Ganha a gloria dos directores das escolas regimentaes, cujo zelo e aptidões ficam provadas. E ganham os interesses dos sargentos, que apanham o premio pecuniario que a lei lhes dá.

Diz o art. 58 da ultima reforma:

«Os professores auxiliares, enquanto funcionarem os respectivos cursos, vencerão a gratificação mensal de 3:000 réis, e aos que regerem o curso de instrucção elemental será, alem d'isso, arbitrada uma gratificação extraordinaria de 15:000 réis se ao terminar o anno lectivo tiverem sido approvados, pelo menos, no grupo respectivo, 60 por cento dos alumnos matriculados, e 10:000 réis quando esse numero seja, pelo menos, de 40 por cento.»

Ora nós garantimos que nem um só dos professores, mantendo-se na letra rigorosa do regulamento, será capaz, por meios licitos, de ganhar a gratificação.

Donde se vê que a celebre reforma, alem de todos os outros defeitos, tem também o defeito gravissimo de ser um novo elemento de demoralisação. Não bastavam os que já tinhamos. Faltava este, inventado pelo grande homem que se chama Vasconcellos Porto.

Todos ganharam com a decantada reforma, menos a nação. E a nação perdeu por varios motivos. Perdeu, porque o problema do analfabetismo no exercito continúa insolúvel, como até aqui. Perdeu, porque o sr. ministro da guerra cortando o artigo, que facultava o ensino por companhias, fechou a porta ao unico processo pratico de resolver esse importante problema. Perdeu, porque o thesouro publico leva mais um rombo sem utilidade nenhuma. Com vencimentos e gratificações de professores, premios aos alumnos, livros, mobilia, etc, a famosa asneira do sr. Vasconcellos Porto não pôde custar menos de oito contos de reis annuaes. E perdeu, porque é mais um meio de demoralisar os já demoralisadissimos quartéis.»

(1) Pelo *Mundo* era um modo de falar. Pelo sr. Homem Christo, que dava notas a um amigo para elle se aproveitar, n'um serviço democratico, da publicidade do *Mundo*.

Emfim, em 3 de fevereiro de 1907, sob a mesma epigrapha *A Mentira dos Quartéis*, diziamos ainda:

«Dizia o *Diario de Noticias* de domingo ultimo, tratando da visita do sr. D. Carlos ao regimento de engenharia:

«Terminados os exercicios, que deixaram a melhor impressão em sua magestade, seguiu el-rei para a aula regimental onde assistiu a algumas provas de leitura e escripta, das praças das diversas turmas, tendo occasião de apreciar os notaveis progressos obtidos na instrucção dos analfabetos, MUITOS DOS QUAES JÁ LÊEM COM GRANDE FACILIDADE.»

Isto é que é mentir!

A lêrem com **grande facilidade** ao fim de quarenta e tantos dias uteis de lição, que não tem mais, desde 15 de novembro até hoje! Para se vêr o tamanho da mentira basta dizer-se que **nunca** o capitão Homem Christo, sendo elle directamente a ensinar, auxiliado por professores zelosos e devidamente habilitados, dando duas lições por dia, teve, em seis annos de ensino, **um unico analfabeto** que lêse com **grande facilidade** ao fim de 45 ou 50 dias uteis de lição!

Na escola regimental de infantaria 23 ensinam 20 professores. Não são tres. São vinte! Pois sabemos que não ha um unico analfabeto que já leia n'esta altura **com grande facilidade**!

O que sabemos também é que n cada passo apparecem n'aquelle regimento soldados transferidos d'outros regimentos que não conhecem uma letra. E perguntando-lhes o capitão Homem Christo, director da escola: «Então vocês não estavam matriculados, lá n'esse regimento d'onde vieram?» respondem invariavelmente: «Estavamos, sim senhor, mas lá não faziam caso dos que não sabiam nada. Só ensinavam os que já sabiam alguma coisa.»

Ora eis ahi porque no fim de 45 dias uteis de lição já pôde haver analfabetos a lêr **com grande facilidade**. São os que já sabiam lêr quando entraram as portas do quartel.

Santa gente!

Estava previsto!

E está confirmado!

Estava previsto que os resultados da reforma do reaccionario sr. Vasconcellos Porto, o mais submisso agente das altas espheras do poder que tem entrado no ministerio da guerra, haviam de ser... maravilhosos!

Estava previsto que viriam a pulular nos quartéis os *benemeritos apostolos*... da instrucção nacional!

Estava previsto que se despejariam sobre esses apostolos as cornucopias das graças!

Estava previsto que o *cysne branco que rebocou a barca mensageira das humanas conquistas* havia de resurgir do ventre civilisado do mastodonte do ministerio da guerra!

Segundo o *Seculo* de 30 de novembro do corrente anno sagrado da dictadura, visto que nos gloriosos fastos da historia já se não pôde ficar chamando, como pro-mettiam e juravam os bonzos

republicanos: *o sagrado anno da revolução*, segundo o *Seculo*, o reverendo Anão, mui digno capellão e professor no regimento de lanceiros n.º 2, dizia no seu lindo discurso, proferido na sessão solemne de distribuição de premios aos alumnos da escola d'aquelle regimento:

«Portugal foi sempre no concerto das nações o cysne branco que rebocou a barca mensageira das humanas conquistas.»

E, depois de se referir largamente á instrucção, e de demonstrar as suas vantagens:

«Se até aqui os soldados já sabiam descobrir mundos e vencer batalhas, agora pôdem lêr as paginas douradas da historia patria e escrever com fâscas d'enthusiasmo as bellezas da nossa terra.»

Bravo!
Mas estava previsto, reverendo Anão. O reverendo Anão é simplesmente... a confirmação!

EXPEDIENTE

Apezar de todos os avisos, não pagou o que devia a esta administração o sr. A. Gomes de Carvalho, cidadão que morou ou mora na rua de S. Pedro d'Alcantara 35 a 39-A, Lisboa, e outro cidadão chamado Francisco Nunes Calinas, morador que foi ou é na rua do Gremio Lusitano, 31-1.º —Lisboa.

Não pagar ao padeiro, sendo o pão indispensavel á vida, comprehendese. Mas não pagar a jornaes, quando o jornal se devolve, quando a gente o não quer, ao seu destino sem trabalho, nem dispendio, pois basta não o receber da mão do carteiro, é o cumulo... da audacia!

CÁ ESTÁ ELLE!

Dizia Camacho na *Lucta*, de terça-feira ultima:

«Annuncia-se um grande discurso de Jean Jaurés, lá para janeiro, dando um plano d'organisação da sociedade futura. Não vá agora o leitor imaginar que Jaurés não é um homem muito intelligente e muito illustrado. E' uma coisa é outra, não ha duvida; mas foi professor de philosophia n'uma escola normal, e trouxe para a politica o geito de tratar as coisas sociais como estando fóra do mundo sensivel. Um rhetorico com talento, vamos, o que não acontece á maior parte dos rhetoricos.»

Outra vez perguntamos, e pergunta-lo hemos sempre: mas em que se distingue Camacho dos reaccionarios? Digam respondam todos os homens de intelligencia e de caracter. Digam, sem *parti pris*, sem espirito de paixão, sem preoccupações de relação, sem preocupação de amizade, de coisa nenhuma.

Só ouvindo a consciencia. Só deixando se guiar pela verdade. Em que se distingue Camacho dos reaccionarios? Poi-não é, simplesmente, em se dizer republicano? E se é simplesmente em se dizer republicano, Camacho não é,

não deve ser, mais odioso aos demócratas, aos verdadeiros, aos sinceros demócratas, que os reaccionarios, francamente, abertamente, lealmente reaccionarios?

Digam. Apre, que não de dizer. Não de dizer-lo baixinho, a si próprios, á sua consciencia, já que toda esta covardia civica, esta covardia moral, esta covardia intellectual, este vergonhoso espirito de *coterie*, de egrejinha, de seita, de bando, de quadrilha, que caracteriza o portuguez, os impede de o dizer alto, claro, á luz do dia, protestando contra mais uma traição, contra mais um abuso de confiança, que a protestar d'esse modo é que se serve a patria, é que se levanta o espirito publico, é que se instrue, é que se educa, é que se moralisa, é que se regenera.

Apre, que para se ter reputação de homem honesto não basta não metter as mãos nos cofres publicos ou nos cofres particulares, não roubar o relógio nem dar uma facada ao voltar d'uma esquina. Atordoamos os ouvidos com a seriedade de Camacho, porque Camacho não joga na *Lucta* as facadas dos bandidos do *Mundo*, nem faz dos principios uma gazua para penetrar na Companhia dos Phosphoros, como penetrou Affonso Costa, ou na casa de qualquer cidadão ou de qualquer outra companhia para se lhe apudera da burra. Não basta. E' alguma coisa, sem hesitar o declaramos. E' bastante, relativamente, se quizerem, sem difficuldade o admitimos. Mas não basta. Uma quadrilha, um bando, teria feito d'Affonso Costa deputado, e seu capitão, ou membro do seu directorio, ou... d'aquillo que quizessem chamar ao seu corpo dirigente. Um partido de reforma de costumes, de reabilitação politica, de regeneração nacional, como pretende ser o partido republicano entre nós, te-lo-ia corrido a pau, primeiro, e requerido ao ministerio publico, em seguida, que o mettesse na cadeia.

Um partido de seriedade, de moralidade, ainda de reforma de costumes e composto de gente intelligente, nunca teria tolerado como seu representante na imprensa um periodico como o *Mundo*, redigido por uma escoria intellectual e por uma escoria moral, senão no todo em grande maioria.

Mas um partido de principios, de progresso, de educação democratica tambem não consentiria que em nome, á sombra e sob o prestigio da democracia se zombasse a toda a hora dos principios democraticos, se considerasse a toda a hora utopias as aspirações democraticas, se lançasse systematicamente, persistentemente, propositadamente uma nota de pessimismo ou de duvida sobre tudo quanto representa um projecto de séria melhoria nas tristes condições em que vegeta ainda a humanidade.

Tambem o não consentiria. Porque tambem isso não é honesto. Porque tambem isso não é sério. Porque tambem isso é estúpido. Portanto, por todos os lados profundamente prejudicial.

Em que se distingue Camacho dos reaccionarios? Em ser reaccionario e fazer obra reaccionaria, dizendo que faz, como democrata, obra democratica? Mas eis a desonestidade. Mas eis o abuso de confiança.

O reaccionario declarado não abusa da confiança da democracia porque a democracia não lhe deu votos, nem missões, nem encargo algum de confiança. N'uma palavra: porque não confia n'elle.

O reaccionario declarado não illude a democracia, porque a democracia recebe todas as suas palavras com a reserva devida a um inimigo. Mas um reaccionario, fingindo de democrata, illude-a. Pelo menos fa-la hesitar. Pelo menos perturba-a. Se é uma pessoa em quem eu confio, em quem eu vejo confiar todos os meus amigos, que ouço exaltar como um homem avançado, que me diz que isto de democracia e de principios tudo é péta, como hei de deixar de ficar na descrença ou na duvida?

Eis o abuso de confiança. Eis o crime.

Camacho faz o papel de todos os rotineiros? De todos os brutos que, desde que o mundo é mundo, tem passado a vida a considerar hoje uma utopia, um impossivel, uma brincadeira, só merecedora de troça ou de sarcasmo, a realidade de amanhã? Faz. Mas para os homens que pensam pela sua cabeça, e que são pouquissimos. Para esses, que tem por sua vez occasião de se rir d'elle, de o considerar mais um simples pinta-moños na intellectualidade portugueza, perguntando a si próprios, com desdém, mas então com sincero e legitimo desdém: mas onde está afinal o decantado valor d'este homem? Onde está? N'essa coisa mesquinha de fazer boas construcções grammaticaes e estylo a proposito de tudo, de idéas boas e más, de principios redemptores ou de principios escravizadores, de factos de reacção ou de factos de progresso?

Esses rir-se-hão. Esses terão desdém por elle e por todos estes pinta-moños que, encantados pela arte do estylo, tem demonstrado ao mundo que n'este *jardim á beira mar plantado* só cresce n'este instante uma casta mediocre d'escrivinhadores, sem nenhuma grandeza na idéa, sem nenhuma elevação no pensamento. Simples copistas de quadros de mestres. Sem poderem pôr na copia, por mais que se esforcem, por mais que emendem, por mais que retoquem, a nota inconfundivel do talento. Que, até quando é traçada com um feiuro, sem conhecer primores nem regras d'arte ou d'elegancia, apaga, com a sua originalidade e refulgencia natural, todas as obras *impeccaveis* dos mais aprimorados, dos mais correctos, dos mais elegantes dos copistas.

Esses rir-se-hão. Mas são esses. A grande maioria, que não pensa, para quem pensar é um sacrificio como seria ir carregar fardos para a alfandega, aceita submissa a verdade de quem é... um aureolado, um consagrado, um chefe da casta intellectual, como Brito Camacho.

Eis o mal. Eis o terrivel prejuizo.

N'outro dia sahia o auctor d'estas linhas de sua casa, cedo, como sempre, porque quem trabalha para comer não pôde estar na cama até ao meio dia, como os politicos-burocratas ou os litteratos. Saltava para o electrico, onde encontrava já um amigo seu, d'aquelles a quem se pôde dizer mais alguma coisa do que: «Está hoje um dia pessimista.» ou: «Não nos vemos livres d'este tempo.» Abria no electrico a sua pequena correspondencia, recebia n'este instante. Entre ella vinha um jornal francez, que publicava n'esse dia um artigo de Jaurés. «Que bello artigo! diziamos ao amigo que se sentava ao nosso lado. Mas olhe você que Jaurés, socialista e opposicionista, passaria, se fosse portuguez e estivesse nas mesmas condições, por um desequilibrado, um traidor ou uma besta, em Portugal.»

Ah, como nós, sem o visarmos, anteviamos o Camacho!

Mas o que era o artigo? Alguma *nephelibatic*? Alguma descarga de rhetorica? Alguma proclamação incendiaria? Parece, ou antes deve parecer a quem tomar Camacho, — que accusa Jaurés de *rhetorico* e de *tratar as coisas sociaes como estando fóra do mundo sensivel*, que é, pouco mais ou menos, dize-lo idiota — parece, ou deve parecer a quem tomar Camacho, como muita gente toma, por um homem superior, por uma cabeça ponderada. Pois vão vêr que se enganaram.

O artigo intitula-se *A L'Euvre*. E' isto: Jaurés tem medo de que o governo, sob a pressão reaccionaria, não cumpra as suas promessas democraticas. Estão pendentes da camara e do senado quatro questões muito importantes: a questão da suppressão dos conselhos de guerra, a questão do imposto de rendimento, a do resgate dos caminhos de ferro de Oeste e a da pensão aos velhos operarios e

velhos camponeses impossibilitados de trabalhar. Jaurés instiga a camara, instiga o senado, instiga o governo a não abandonarem essas questões, que não são, note-se bem, de iniciativa socialista, mas de iniciativa ministerial, ou governamental, porque dizer governamental é dizer radical, visto que sahiu d'este partido, e por elle é apoiado, o ministerio actual. Não desaniméis, diz lhes Jaurés, o *rhetorico*. Não vos acovardeis, não atraícoeis os vossos principios, não ragueis as vossas promessas. Não, grita o homem que *trata as coisas sociaes como estando fóra do mundo sensivel*. Porque se tratasse as coisas sociaes como estando dentro do mundo sensivel faria como Camacho que chamon soberbo e ingrato a Dreyfus, achando bem feito que o não promovessem a tenente coronel como era de justiça e que elle fosse obrigado, por essa fórma, a pedir, depois de tudo quanto soffreu, a demissão de official do exercito; que chamou rancoroso, mau, trampolheiro a Gustavo Hervé, enchendo-se de satisfação por ver Gustavo Hervé arrastado mais uma vez, como anti-militarista, aos tribunaes; que chama, agora, rhetorico, nephelibata, parvo a Jaurés, porque Jaurés ainda não teve o bom senso de trocar dos *immortaes principios*; porque Jaurés ainda se não resolveu a fazer a corte ao burguez como lh'a faz agora Camacho, embora nunca tivesse chamado *infame, ladrão, torpe, hypocrita* ao burguez como Camacho lhe chamon nos *Dois Crimes*; porque Jaurés ainda não se resolveu a insultar os anarchistas, embora nunca tivesse dicto, como Camacho nos *Dois Crimes*: «Ha um unico meio de inutilisar o que por ahi se chama a propaganda anarchista ou de exterminio: — é *deferir* por completo as suas reclamações de justiça»; porque Jaurés ainda não se resolveu a andar de gatas, como Camacho, atraz do militarismo, embora nunca tivesse escripto, como Camacho nos *Dois Crimes*: «Não tremas, burguez amigo, que o caso não é para isso. Desfrute as suas riquezas; roube e seja phylantropico; feche as escolas e mande abrir egrejas, que ahi está o exercito, brioso e aguerrido, prompto a manter a Ordem — condição indispensavel para se dar ordem á vida. Que importam á felicidade dos poderosos as agonias da canalha? Ha muitas bocças sem pão? Ha muitos braços sem trabalho? Ha muitos cerebros sem luz? Olá, feis depositarios da força!... Amordacem essa gente que protesta, que a noite vem cahindo serena e mansa, e S. Omnipotencia — A Burguezia — sente pesar-lhe nas palpebras a languidez indefinivel dos sonhos côr de rosa. Não lhe perturbemos o somno; porque Jaurés assume deante do seu partido a responsabilidade e tem a coragem de lhe dizer que é preferivel incitar os governos a dar os meios das transformações sociaes se realisarem pela evolução a provoca-los tola mente a reacções que tornem necessaria e imperiosa a revolução, responsabilidade que Camacho nunca teve, calando se sempre no seu jornal quando os republicanos estupidamente, bestialmente provocavam João Franco, estando ainda João Franco no campo liberal, e até fazendo côro com elles quando, em casos insignificantes como o de Schröter, affirmava que o *partido republicano viria para a rua não já para reclamar o stricto cumprimento da lei, mas para deitar por terra o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional*.

E' por isso que Jaurés está fóra do mundo sensivel. E' por isso que Camacho é um homem práctico. Está fóra do mundo sensivel todo aquelle que lucha pelo ideal. Está dentro do mundo sensivel todo aquelle que acima de tudo lucha pelas batatas. Está fóra do mundo sensivel todo aquelle que tem a honrada coherencia da doutrina, que tem o nobre amor dos principios. Está dentro do mundo sensivel, e, por conseguinte, é um homem prá-

tico todo aquelle que não acata doutrina nenhuma, que não respeita principios nenhuns, para quem, quando muito, doutrinas e principios dependem das circunstancias.

Jaurés terminava o seu artigo com estas nobres palavras:

«Se estas quatro grandes reformas fossem votadas na actual legislatura, a democracia, desorientada e cansada n'este momento, retomaria confiança e vigor. O governo poderá fazer muito n'esse sentido. E ninguém deseja que elle o faça com mais amor do que eu. Tenho muitas vezes julgado dissolvente e funesta a acção do sr. Clemenceau. Sc-pticismo apparente, phantasia, dilettantismo, decisões impulsivas e bruscas variações não são, em verdade, methodo de governo. Não é essa a maneira de executar vastos programmas. Não é assim que podem ser resolvidos os difficeis problemas creados n'uma democracia ainda confusa pelo crescimento constante d'um proletariado vehemente. Ha, contudo, no passado do sr. Clemenceau compromissos que o honram. Se se lembrasse d'elles, se adquirisse a consciencia da sua espantosa responsabilidade, se trabalhasse, emfim, na obra da reforma democratica, depois de ter procurado tanto tempo impor-se pela graça e pelo medo, se, depois de se ter offerecido á burguezia como garantia contra a revolução, comprehendesse que a obra firme de reforma é o unico meio de evitar as convulsões da violencia e os sombrios desesposos anarchicos, ninguém teria com isso mais alegria do que eu. Ninguém, mais lealmente, faria maior justiça ao seu esforço. A fallencia politica d'um homem que desempenhou tamanho papel na democracia, que foi em certos dias objecto de grandes esperanças, não seria sómente uma tristeza para aquelles que sentem respeito pela natureza humana e que soffrem quando a realidade da historia inflige ao ideal violentos desmentidos; seria uma diminuição para a democracia universal; seria um perigo para os partidos de movimento e de audacia que não podem progredir por entre o desanimo e a descrença publica. O successo das reformas apregoadas e esperadas abria caminho a outras reformas, a outras reformas que nós, socialistas, teriamos obrigação de formular e promover. O seu insuccesso crearia uma especie de cansaço, a tristesse das aguas estagnadas e putridas. Por mim, eu só espero o advento da Republica social do esforço continuo de uma poderosa organização operaria impellindo, a marchar, uma democracia crente e activa. E' a uma politica socialista de reforma, em que o alto espirito revolucionario se combine com o methodo de evolução, que eu detingo e hei de dedicar todas as minhas forças. E parece-me que é licito confiar ainda n'uma legislatura que se offerecia aos olhos de todos como seriamente compromettida.

Que alegria, se podessemos fazer, emfim, trabalho util!»

São palavras d'um *rhetorico*? São palavras d'um homem que *trata as coisas sociaes como estando fóra do mundo sensivel*?

Não. São palavras d'um alto espirito. São palavras de quem tem ideal. De quem se não ri, de quem não zomba, de quem não troça do ideal. Por isso mesmo que o tem! Por isso mesmo que, tendo-o, lhe tem amôr! Por isso mesmo que, amando-o, por elle colhe alegrias e dores!

Ah, que triste sorte a da democracia portugueza! Até aquelle que parecia valer alguma coisa nos sahe, por fim, uma vacuidade, uma esterilidade! Porque este Camacho a rir, a zombar, a pornographiar, é apenas mais um fructo boleteo d'esta arvore apodrecida da intellectualidade nacional!

Tudo esteril! Tudo ôco!

E vós, João de Menezes, que fazeis?

Vós ereis socialista, João de Menezes! Havieis passado de anarchista a socialista republicano ou a republicano socialista, pois que — sabido a ordem dos factores é arbitraria.

Que sois, agora?

Rhetorico sem talento?

Se Jaurés, socialista, é um rhetorico com talento, a que, João de Menezes, vos reduziu Camacho?

Ah, fructos boletos da apodrecida arvore nacional.

CENTRO FOTOGRAFICO PORTO R. SÁ DA BANDEIRA-135

Nenhum ideal, nenhum principio giou e dominou os constitucionaes. Só havia entre elles dois homens: Passos Manuel e Mousinho da Silveira. Um homem de grande coração e um homem de grandes idéas. E ambos de santas e generosas intenções. O mais, sem incluímos no numero, é claro, José Estevão, Pizarro, e algum outro — muito raro — era uma scia de bandidos, para os quaes o poder era um simples meio de satisfazer as mais baixas ambições.

O novo regimen exigia, naturalmente e imperiosamente, uma nova nação. Era necessario creal-se demora. Só o tentou Mousinho. E, depois de Mousinho, Passos Manuel. Mas ambos foram tidos como doidos! Como doidos expulsos do poder! E como doidos morreram, abandonados, esquecidos, quasi desprezados!

«Quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da ilha do Corvo, a mais pequena da dos Açores, e se isto não poder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamento carregue com esta trabalhadeira, quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da freguezia da Margem, pertencente ao concelho de Gavião; são gentes agradecidas e boas, e gosto agora da idéa d'estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida.»

N'estas palavras demonstrava o grande estadista, o mais simples dos homens, que nunca procurou os miseraveis reclames que são hoje o pensamento fixo de Bernardinos, Affonso Costas e toda a mediocridade republicana que, como a rã da fabula, ahi affronta a consciencia publica, n'estas palavras demonstrava o grande estadista, *indifferente* — na phrase d'Oliveira Martins, que, se escreve algumas tolices, não deixa de escrever tambem muita coisa acertada, embora nunca soubesse harmonisar os seus actos de homem publico com as suas boas palavras, quando as teve, de escriptor — *indifferente á ambicção como á gloria, tão inacessivel ás seducções das palavras como á tyrannia das formulas*, n'estas palavras mostrava o grande estadista toda a magua e todo o desprezo que na hora final lhe inspirava uma sociedade decadente e vil, todo o isolamento da sua pessoa e da sua alma.

«Vim ao mundo em época fertilissima em reflexões e invenções, que devem mudar a face do mundo para grande melhora material e para melhor multiplicação do genero humano; — são incalculaveis os factos, e descobertas dos caminhos de ferro, e se fôr feito um que comunique as duas costas da America, será isto por si o maior facto da historia da humanidade, e n'este facto gozará muito Portugal, quando vierem novas gerações, que não souberam que havia monopolio e escravos no Brazil.

O grande é que o mundo moral acompanhe o desenvolvimento material, e para isto tudo depende de dar educação ás mulheres, as quaes tem muito maior importancia do que se lhes tem dado — ellas são o deposito do genero humano, o principio de toda a civilização e a base de todos os sentimentos benevolos e generosos, e antes dos filhos serem apreciados ou instruidos estão já por ellas perdidos ou ganhos.»

Ah, o doido, o doido! Doido, o grande reformador d'este paiz! Doido, o unico estadista que deixou um largo rasto da sua passagem no poder! Doido, o unico homem que fez coisas de largo alcance, coisas que se vissem! Doido para os do seu tempo e doido para os do tempo actual! Doido para os monarchicos de 1834 e doido para os republicanos de 1907! O doido, que até era feminista! Como a gargalhada do laracheiro Brito Camacho lhe ha de ir ainda sacudir as cinzas no pobre, no ignorado, no triste cemiterio da Margem!

No triste cemiterio da Margem! Nem os eruditos sabem onde é! Nem os eruditos sabem que alli jaz o grande estadista do constitucionalismo, um dos grandes, um dos authenticos grandes homens d'esta terra!

No triste cemiterio da Margem! E nenhum dos litteratos, que tanto agadanham a reclamar Panton

para meio mundo, se lembra de que ninguem merece mais o Pantheon que o solitario morto do cemiterio da Margem! E nenhum dos patrioteiros que reclama estatuas para Saldanha, para Mousinho d'Albuquerque, para todos os heroes guerreiros, verdadeiros ou falsos, se lembra de que este paiz, a ser livre e civilizado, teria pejo de erguer estatuas a qualquer homem antes de erguer uma estatua a Mousinho da Silveira!

Tem uma estatua, grande ou pequena, de corpo inteiro ou de busto, magestosa ou modesta, o insignificante jornalista Eduardo Coelho, e não tem Mousinho da Silveira um bocado de bronze, um bocado de pedra, que o lembre e o imponha, na capital do paiz, á homenagem, e ao reconhecimento nacional!

Paiz d'eservos! Paiz de brutos!

«Fui duas vezes ministro, mas nunca me expliquei a razão de nomearem ministro a um homem que nunca pôde saber alguma liturgia, e que tinha a força de impugnar a vontade dos principes e de lhes dizer a verdade: tambem fui por vezes deputado, sem conceber como era possível inculcar-se cada um para isso e como havia gente que fosse ministerial ou não;—dizer que eu havia votado por estes ou aquelles, sempre me pareceu absurdo, e sempre votei como entendi, bem ou mal, em cada hypothese;—nunca fui nem era capaz de ser faccioso, e estou convencido que o liberalismo é bom quando não é faccioso, pois sendo elle a analyse do que deve ser, não pôde ser o serviço de alguma facção, e por isso, ou estas o acabarão, ou elle as acabará, e Deus queira que seja isto e não aquillo.»

Não quiz, não. Deus, ainda ahí, quiz o peor, como, aliás, é seu santo costume. Foram ellas que o acabaram e não foi elle que as acabou a ellas. Mais não viste o melhor, pobre Mousinho! Não viste surgir um partido chamado republicano onde as facções pullularam como em nenhum partido do teu tempo! Não soffreste mais essa decepção! Um partido onde não só cada um se inculcou para deputado como foi em publico e raso lamentar que o houvessem proposto por um bairro em vez de o proporem por outro bairro, onde a sua eleição mais provavel! Um partido onde não só não foi permitido votar cada um como entendeu onde foi considerada a liberdade de critica o maior de todos os crimes, um verdadeiro acto de traição. Não soffreste, pobre Mousinho, mais essa decepção! Dizias que o grande era o mundo moral acompanhar o desenvolvimento material. Pois foste feliz, pobre Mousinho, em morrer quando morreste. A tua dôr, alma sincera e nobre, se hoje resuscitasses!

«Sabi dos empregos por ser fiel á Carta, e a Carta veio e eu fiquei peor que os infelizes; os meus inimigos foram aquelles que não querem a verdade e que preferem a tudo a phantasmagoria; e desgraçadamente o mundo nos meus dias requeria gente que não tivesse fé em nada, para poder fingir que a tinha em tudo.»

Nos teus dias e nos nossos, grande morto! Nos nossos ainda mais do que nos teus! Nos nossos ainda menos se quer a verdade que nos teus! Nos nossos ainda mais se requer gente que não tenha fé em nada para poder fingir que a tem em tudo!

Este testamento de Mousinho é a condemnação formal do chamado partido republicano portuguez. Mousinho morria vencido, mais do que vencido, desprezado. Mousinho, que tinha liberdade o solo! Que tinha lançado as bases da regeneração nacional! Morria a protestar contra as indemnizações, contra a delapidação dos bens nacionaes. Em tres palavras só: contra os ladrões!

Melancholico, desalentado, vencido como elle morria Passos Manuel.

O que tinha a fazer o partido republicano, quando surgiu mais tarde? Manter a tradição de Mousinho e de Passos Manuel. Continuar, aperfeiçoar, completar a sua obra. Vingal-os das facções, dos corrilhos de toda a especie, dos torpes de toda a ordem, que haviam anniquillado a sua obra. Fortificar, com grandes exemplos de energia e de virtude, a tão abatida alma nacional. Instruir, moralisar, educar. Fazer a obra que tinha querido fazer Mousinho, que tinha querido fazer Passos Manuel: crear uma consciencia publica capaz de comprehender e executar a liberdade.

Mas o partido republicano, em vez de manter a tradição de Mousinho e de Passos, em vez de continuar, aperfeiçoar, completar a obra dos dois unicos altos espiritos do constitucionalismo, fez precisamente o contrario. O partido republicano continuou mas foi a tradição de Candi-

do José Xavier, de Agostinho José Freire, de Palmella, de Silva Carvalho, de Rodrigo da Fonseca, de Fontes Pereira de Mello. O seu primeiro chefe, José Elias, aquelle que elle ainda hoje proclama como o melhor chefe que tem tido, era o servil imitador de Fontes Pereira de Mello. D'elle dizia Fontes Pereira de Mello, —phrase historica, phrase authentica —que se não existisse seria preciso inventa-lo. José Elias formava partido á custa das mais funestas transigencias. Fazia o jogo dos monarchicos para que os monarchicos fizessem o seu jogo partidario. Jogo, não de principios, mas de interesses. Interesses, senão para elle, para a sua clientela. Sob o ponto de vista da moralidade publica, da educação nacional, o resultado era o mesmo.

José Elias mantinha a sua supremacia no partido republicano á custa de empregos que distribuia, á custa de favores que alcançava. O que dava elle em troca aos monarchicos, detentores d'esses empregos, depositarios d'esses favores? Escusado seria dizelo, que todos o percebem: d'uma pureza, o respeito, a dignidade dos principios.

A minoria republicana no municipio de Lisboa, em vez de fiscalisar, encobria. Em vez de se manter n'uma attitude de intransigencia intelligente e honesta, transaccionava a cada passo.

O discipulo querido, o 1.º discipulo de José Elias, no dizer de todo o mundo, era Gomes da Silva, o director da fazenda municipal. O partido republicano fazia-o deputado. Engrandecia-o. Exaltava-o. Portanto, era cúmplice nas suas manigancias.

Não quer isto dizer que Gomes da Silva não esteja rehabilitado. Está. Rehabilitou-o Affonso Costa. O partido republicano não parava a meio da encosta que o conduzia ao abysmo. Não parava, nem para voltar para traz, nem, ao menos, para ficar onde parava. Descia. Ia até ao fim. Como é regra geral. Se os regenerados, os arrependidos, fossem muitos, não lhes abria Deus com tanta facilidade as portas do céu. Depois de Gomes da Silva, Affonso Costa, ao pé do qual Gomes da Silva tomava as proporções d'um santo varão, d'um patriarcha.

Corrompido, é claro que o partido republicano só podia pensar, como os constitucionaes, na posse do poder. O poder quanto antes. O poder atravez de tudo. Os constitucionaes queriam cevar-se nos restos deixados pelo absolutismo. Era a sua ancia. Mousinho, o doido, Passos, o doido, que fossem para casa do diabo. O mundo não se governa com theorias. Governa-se com pitaça. Como os constitucionaes, seguindo-lhe o exemplo, os republicanos queriam cevar-se nos restos deixados pelo constitucionalismo. O mais, lérias. Homem pratico, aquelle, o Affonso Costa, que se sabe governar! Grande homem! O mais... lérias. E só lérias. O poder! O poder quanto antes. D'ahi a obsessão da revolução.

E eis o feroz egoismo de que accusavamos o partido republicano ao findarmos a ultima carta.

A myopia, de que tambem o accusavamos, é tão facil de demonstrar como o seu egoismo.

Com que elementos pretendia o partido republicano fazer a revolução? Com os elementos militares. Ainda ahí a imitação servil dos constitucionaes!

Ora as condições do exercito, como já n'outro dia aqui dissémos, são hoje, sob todos os pontos de vista, muitissimo diferentes. Já não temos generaes de prestigio. Já não temos generaes politicos. Já não temos a miseravel situação dos officiaes e sargentos d'outros tempos, para os quaes, sem vencimentos em dia, sem promoções regulares, á mercê do arbitrio, a revolução era, algumas vezes, a unica maneira de melhorarem as precarias condições em que viviam. Alem d'isso, a tactica, atrazada, os armamentos, defeituosos, a difficuldade das communicações davam muito mais probabilidades d'exitos a qualquer levantamento. Fazia-se um levantamento, um pronunciamento no Porto, por exemplo. Havia tempo para pôr a cidade em boas condições de defeza e para deixar alastrar o

efeito moral do pronunciamento. Hoje não ha tempo para nada. O movimento ou se faz em Lisboa, ou tem todas as probabilidades de se perder. Para se fazer em Lisboa, e para ter successo em Lisboa, é necessaria uma acção simultanea muito bem combinada e de efeito muito rapido. Nunca se pôde contar senão com uma minoria d'officiaes e sargentos. Essa minoria precisa de grande audacia, da audacia de quantos se revoltam.

Todas as desvantagens são para os que se revoltam, todas as vantagens são para os que não se revoltam. Ora isto faz hesitar. Isto faz medo. E é caso para fazer hesitar e para fazer medo. Depois, não ha duvida nenhuma que um pronunciamento tem perigos internacionaes que ainda mais fazem hesitar e ter medo.

Restaria um movimento combinado de tropa e povo. Mas para isso, alem dos elementos materiaes, seriam precisos elementos moraes que os republicanos, na sua grande estupidez, tem completamente desprezado. Seria preciso que n'esta terra houvesse consciencia, que vibrasse uma alma nacional. Ora nós estamos no periodo d'incerteza, de cegueira, de desqualificação em que se encontram todos os povos quando lhes taparam o rumo antigo sem lhe ensinarem o novo trilho aberto. Pozeram o povo em liberdade sem lhe fazerem conhecer os meios d'usar a liberdade. O que succedeu? Succedeu que o povo ficou á solta, em vez de ficar em liberdade. Tiravam-lhe a rédea e elle dava pinitos. Punham-lhe a rédea e elle aceitava resignado a albarda e o chicote.

Isto é um povo que anda peado. Que marcha sempre com a plena consciencia de que não conhece o terreno que pisa. Isto é um bando de sabios mettidos n'um salão, no salão da civilização, um meio tão diferente d'aquelle para que estavam naturalmente preparados, tão diferente do seu meio, que ficaram—não podiam deixar de ficar—emparvecidos.

Ha dias, estando eu n'uma casa commercial, o dono da casa mostrou-me, a rir, um lindo bilhete de visita, muito janota, muito bem impresso, onde se liam estes dizeres:

GUILHERME A. DE MOURA
JOÃO AFFONSO JUSTO

Moços do sr. Miguel de Estoque

Desejam boas festas a V.ª Ex.ª e sua Ex.ª familia.

Cá está o meu quiz, gritei eu impetuoso! E' elle! E' elle authenticico! E' elle legitimo!

E' elle, o saloio, mettido no salão da civilização! E' elle, querendo ser o que não pôde ser! E' elle, vaidoso! E' elle, ajanotado! E' elle pretencioso, é elle ridiculo, é elle arrastando-se n'um snobismo pelintra!

E' elle, desde as mais altas classes até ás mais baixas! E' elle em todas as camadas!

Os moços do sr. Miguel de Estoque não são sómente o Moura e o Justo. São todos. E' tudo. E' o rico burguez chamando a isto *piolheira* e fugindo para Paris com a burra, que traz de lá vasia, depois de ter feito rir as *cocottes* e os estroinhas, do seu oiro e da sua *gaucherie*. E' o litteratigo, asnatigo, que se desunha a imitar a phrase do litterato estrangeiro. E' o legislador comico, trazendo para esta terra todas as leis que encontra lá por fóra. E' a mulher das classes ricas, a copiar a linha da mulher elegante de Paris. E' o saloio, que largou as botas altas para calçar no sapateiro de Lisboa. E' a mulher da mais baixa esphera, a querer ser mulher da boa roda, logo que adquiriu uns vintens. E' tudo, fóra do seu logar. E, portanto, sem a consciencia, sem a firmeza, sem a energia intellectual e moral que só tem o homem e a mulher quando está senhor de si e da sua situação.

Não era Miguel de Estoque. Era Miguel Stockler. Mas elles *aportuguezaram*, nacionalisaram. Mas elles esqueceram-se de que palavras leva-as o vento e de que seriam, coitados, objecto de riso, quando quizessem transportar o seu estropiamento da palavra fala-

da para a palavra escripta. Mas elles não repararam que o bilhete de visita era já coisa muito perigosa para a sua situação. E de Miguel Stockler fizeram... Miguel de Estoque!

Que não se entristeçam. Como elles fazem, como elles tem feito todos os grandes figurões d'esta terra. Todos... Migueis de Estoque!

Menos o nosso amigo Miguel Stockler, que não tem culpa nenhuma do seu nome ser a unica arma de guerra com que o clero, no breza e povo, e, além de clero no breza e povo, *el gran presidente* e seus satellites appareciam armados n'esta hora solemne de revolução!

C.

VELHAS OPINIÕES

O que escreviamos no "Povo de Aveiro,, nos primeiros annos da sua existencia e o que escrevemos hoje

Sob o titulo HOMENS E PRINCIPIOS, escreviamos aqui em 22 de março de 1885:

A lucta entre os ambiciosos generalisa-se em todos os campos e partidos da politica portugueza. A vaidade irritante, o enfatuamento ridiculo, que tem sido o caracteristico dos nossos homens publicos, deixam a guerra surda de encruzilhada em que se batiam ha tanto tempo, para estenderem o lençol das suas miserias no soalheiro popular. Até aqui, era na sombra dos bastidores que se irritavam as paixões; a plateia inconsciente acclamava os dois actores que se abraçavam em scena sem indagar dos odios que os separavam a dois passos de distancia, por detraz d'um simples *retabulo* de lona. Hoje, o odio venceu a decencia, a conveniencia e o decoro; os actores azedam-se no palco e investem-se armados d'espadas no meio da gargalhada, da vozeria e dos apupos da multidão, porque os actores, assim, são reles, e são de lata os espadins.

Ha dias, a comedia representava-se no parlamento portuguez. O panno acabava de subir; apenas se extinguiram os ultimos *accordes* da orchestra quando o ponto, n'um trocadilho de palavras, ateuo com imprudencia o grande incendio. As vaidades explodiram, excitaram-se os rancores e dois *proceres, dois correligionarios*, que é o importante, agatanharam-se com furia. A camara alta foi theatro de arlequins de feira; a camara dos nobres foi mercado de hortaliça!

Entretanto, pela lie eterna das compensações, o espectáculo, se foi repugnante, foi tambem elucidativo. Os srs. Vaz Preto e Antonio Augusto de Aguiar fizeram-nos um grandissimo favor, a nós todos que amamos um pouquinho esta terra, que sonhámos com o engrandecimento e a liberdade nacional, que andamos de tombo em tombo á procura do regato refrigerante onde saciar a sede que nos mata, um regato que o sonho nos mostrou:—afastaram-nos com nójo da patrulha constituinte, que nos anda ahí a prometter chuva d'ouro e de manná. Já era pouco sympathica; agora é repellente.

Hontem, a barraca armava-se a correr no jornalismo progressista. Os insultos cruzaram-se como flechas envenenadas entre os srs. Emygdio Navarro e Antonio Ennes, dois deputados progressistas, dois jornalistas progressistas, duas eminencias progressistas!

Era sympathica para um, que se arvorava em defensor valente d'uma mulher despretegida, a causa proxima do tamanho desguisado; era censuravel para os dois a causa remota, a verdadeira causa, que se explica por ambições insoffridas de mando e por requintes de vaidade. E a separação não é clara apenas entre os dois;

é o entre varios homens eminentes do mesmissimo partido. Que confiança pôde ter o paiz n'aquella gente?

Virgem santa! Lá vas tambem o partido republicano na esteira! Lembro-me n'este instante d'uma caricatura de Bordallo Pinheiro, que deve ir em trez annos de existencia e que valeu ao grande artista os primeiros apodos de vendido. O *phylloxera*, que invadiu completamente a monarchia, começava já a contaminar uma perna da republica! O facto deu logar a muitos commentarios; o certo é que ficou como significação exacta de nosso estado politico-social.

Ha pouco, n'uma pequena reunião, dizia-se a um jornalista radical, desconhecido, que usa dominó vermelho mas que sabe tirar a mascara quando é preciso:—empregue a sua actividade em defender principios e não ataque os homens. Não posso, respondeu o desconhecido, porque em Portugal não ha principios, ha só homens!

Assim pensámos nós. Desenvolvemos, exporemos, propagaremos os principios como temos feito; mas como havemos de calar os homens, se os homens estragam os principios?

E' incontestavel que a monarchia se desacreditou em Portugal, não tanto porque o espirito publico estivesse preparado para receber os ideaes republicanos, como porque os dirigentes monarchicos cahiram n'um pantano de devassidões.

Todavia, não é menos incontestavel que o partido republicano não é já hoje um partido dominante, precisamente porque o espirito publico encontrou em quem o dirigia grande parte dos defeitos que conhecia nos dirigentes monarchicos. E os ultimos successos bem provam que não se engana.

Dissémos uma vez, n'este mesmo logar, que era imbecil a opinião de que os principios são tudo e os homens não são nada. Os homens, na pratica, valem tanto como valem os principios. Principios bons com homens maus são inexecutableis. Homens bons com principios maus são inuteis e prejudiciaes. Os homens desacreditam os principios; os principios compromettem os homens.

Por conseguinte, se os vicios das personalidades é que dominam na sociedade portugueza, não podémos pôr de parte nem esses vicios nem essas personalidades e teremos de as combater a par da propaganda dos principios.

Abençoado seja o momento, em que tentamos só de advogar principios! Abençoado seja o momento, que chegará, e talvez breve, em que o partido democrata ponha de parte todas as ridicularias de vaidades e ambições para marchar sereno e impassivo ao seu fim. Abençoado seja o momento, em que todos unidos possamos trabalhar na obra commun. Nós seremos dos anonymos da massa, da grande massa sympathica, sem restricções, sem despeitos, sem recordações da mais pequenina offensa, alegres no meio de todos, convictos até ao fim.

Abençoado seja elle!

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alantara n.º 6. Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.

ALCOBAÇA

Antonio Vazão.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

Queres fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compra a bicycle—«A OSMOND»

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO**

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
- Quadros Parletacs**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.⁸ ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gua prático e theórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Critica**..... 500
- Do mesmo auctor :
LITTERATURA
- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripitu.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como : ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saúdas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

POVO DE AVEIRO
— PO —
TYPOGRAPHIA
— PO —
Specialidade em cartões de visita

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «**PAFF**», White e outros auctores.

Bicycletas «**BRISTOL**», «**TRIUMPH**», «**OSMOND**», «**GUITYNER**» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETTES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.